



MARISQUEIRAS E PESCADORAS: CULTURA E EDUCAÇÃO RUMO À SUSTENTABILIDADE

Jeruza Jesus do Rosário¹

Introdução

Este trabalho desenvolve-se sobre a Resex Baía do Iguape, especificamente nas localidades de Maragojipe, Nagé e Coqueiros. A Resex, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para a co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Este estudo busca apreender as pescadoras, mulheres negras em sua grande maioria, a partir de suas memórias, considerando-as como sujeitos delineadores de cultura e agentes transformadores do seu espaço. Estudar as mulheres trabalhadoras da maré numa reserva extrativista evidencia meu interesse pela temática de meio ambiente e pela observação sobre as pescadoras e seu cotidiano, tomando como base a literatura sobre gênero, sobretudo, a mulher trabalhadora.

A observação do cotidiano das pescadoras em seu espaço, a percepção de si próprias nele e a relação delas com o meio ambiente faz-se na observação do espaço vivido, e sob o prisma da ciência geográfica, tentar diagnosticar a representação desse ambiente como cenário de vida e de trabalho, assim como o papel dele como mediador na transmissão de conhecimentos.

Vale registrar que, para este estudo, trago a utilização do termo “pescadoras” com referência às mulheres trabalhadoras na maré, devido à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem. Faz-se também necessária a consideração de que a atividade da pesca abrange desde os procedimentos iniciais, como a preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até ao beneficiamento do produto.

¹ Geógrafa e Urbanista, Mestre em Cultura, memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB, Universidade do Estado da Bahia. jeruzarosario@hotmail.com



A percepção que a mulher pescadora tem de si e do desenvolvimento de seu trabalho, constitui um cotidiano de aprendizados e lições que se espraia pelo espaço em que vive. Neste ambiente, são mulheres, mães e trabalhadoras que fazem de suas vidas fontes de ensinamentos que se propagam infinitamente através das memórias e experiências vivenciadas na Baía do Iguape. Cada uma, ao seu jeito, vive, adapta-se e produz cultura, principalmente pelo seu trabalho na pesca, realizado com orgulho, e pela relação íntima com a natureza que ele implica.

A mulher pescadora na Baía do Iguape enfrenta dificuldades diversas advindas da realidade integradora de uma reserva extrativista. A população da Baía do Iguape traz em seu bojo os saberes constituídos pelos antepassados, os quais são perpetuados pela transmissão de tradições. Esses saberes contam com a importante participação da figura feminina, figura esta que estimula um maior cuidado com o meio ambiente natural e humano e reforça os laços de afetividade que unem as pessoas ao meio ambiente. Acredito que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto cultural de nossa sociedade moderna e urbana, algo pode ser transformado em nossa visão de mundo, no momento em que aceitemos partilhar de valores que trazem as singularidades da conexão entre ser humano e natureza, no desenvolvimento de uma cultura em prol do modo sustentado de vida.

Este trabalho busca analisar a participação da mulher na sociedade com enfoque na importância da cultura produzida por pescadoras de uma reserva extrativista, a Resex Baía do Iguape-BA, cultura esta voltada às práticas características do modo de vida sustentado. Para isso, faz- necessário a compreensão da produção de história e cultura principalmente na relação estabelecida através de trabalho das pescadoras com a natureza, tendo em vista que o olhar dessa mulher se faz complexo, pois está mergulhado na totalidade do seu meio ambiente. Identificar o comportamento transmitido socialmente e os modelos mentais de perceber, relatar, interpretar e agir sobre o espaço que são perspectivas de análise do desejo do indivíduo face aos fenômenos do meio.

A metodologia empregada, primordialmente na estruturação da pesquisa de campo, é baseada na realização de entrevistas semi-dirigidas junto às pescadoras e pessoas ligadas ao seu cotidiano, assim como levantamento cartográfico, fotográfico e documental nas localidades.

Utilizo como fontes desta pesquisa as pescadoras da Baía do Iguape, pessoas ligadas ao seu cotidiano (tanto homens como mulheres), fotografias de arquivos pessoais, exame de documentos da colônia de pescadores, observação de campo, registro por fotografia e informações coletadas em órgãos públicos como BAHIA PESCA, CAR, SEI, CRA, GERMEN, IBGE e SEAGRI.



Nas entrevistas é feito o uso da investigação das memórias das pescadoras, pois parto do princípio que a memória se alimenta de uma materialidade, uma espécie de coleção de imagens presentes que a memória lembra e reconstitui em relação ao lugar, objeto ou sentimento. Como pesquisadora, verifico a importante arte do *escutar* e do *enxergar* a mulher pescadora em seu universo à maneira como pode ser, pois creio ser essa a essência deste estudo. Com as pescadoras, faz-se necessário o máximo de sensibilidade para poder perceber as falas, os gestos, o olhar, o modo como se fazem as divagações a fim de apreender mais do que simplesmente é dito.

Pescadoras: Mulheres Produtoras de Cultura

Essas mulheres trabalhadoras da atividade da pesca fomentam modos de contribuição e de desenvolvimento de lógicas próprias mais críticas (mesmo que intuitivamente), apropriadas à promoção de um novo relacionamento entre humanidade e natureza. Neste relacionamento que se baseia nos princípios comunitários, na alteridade e na sua capacidade de conciliar e compreender, percebe-se tão bem representada pela conduta da pescadora de ponderação e de ser mantenedora do que está ao seu redor.

Este trabalho se justifica pela necessidade de análise da importância do papel da cultura produzida pelas mulheres trabalhadoras na pesca frente às necessidades sociais relacionadas à temática da sustentabilidade. Este tema suscita a importante discussão sobre a inserção da mulher na atividade pesqueira, que se realiza ainda sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. De modo geral, somente elas próprias reconhecem sua condição de pescadoras, realidade esta que evidencia o grau de “invisibilidade” do trabalho destas. As mulheres trabalhadoras na maré na Baía do Iguape consideram-se pescadoras mesmo que não “embarcadas”, o contrário do que acontece com os homens, que segundo elas próprias nas entrevistas, só se consideram “pescadores” quando fazem uso de algum tipo de embarcação como a canoa, por exemplo. A partir de suas experiências na busca da sobrevivência, essa mulher pescadora assume as rédeas na construção de seu espaço de vivências e de trabalho e vem construindo o seu próprio caminho, em busca de melhores condições de vida para as atuais e futuras gerações.

Neste sentido, procuro dirigir esta pesquisa rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas de localidades como a Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas por seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares, a exemplo das histórias sobre a Vovó do Mangue e do Caipora. Quiçá até mesmo motivar o repensar das relações entre Homem e meio natural, tendo a mulher como indivíduo de representação no processo do



“despertar do mundo”. Esta reavaliação de conduta frente à vida, se dá no momento em que as atenções se voltam para a segurança planetária em suas dimensões geográficas, tendo em vista os problemas que se colocam em pauta face às questões referentes à sustentabilidade do planeta.

Há a crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calcada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade *versus* natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros. Melhores perspectivas se delinearam nas últimas décadas, já que se desenvolveram bastante e positivamente as pesquisas sobre “povos tradicionais”, sobretudo sobre os desafios e conflitos em que estão inseridos, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza (CASTRO, 1997:165).

Conhecer as práticas e representações de povos tradicionais, a exemplo das mulheres trabalhadoras na pesca, torna-se um instrumental viável tendo em vista que eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas nos quais vivem e trabalham, conhecimento que lhes garantiu, principalmente, a reprodução de seu sistema social e cultural, seu modo de vida. Os sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Nos depoimentos gravados até então, as pescadoras da Baía do Iguape têm clareza de sua condição de pilares de suas famílias, de mantenedoras, assumindo e se pondo como o esteio do lar, pois a “mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir um lar”, afirma Roquelina, pescadora da Baía do Iguape. Em vista da labuta diária em administrar as dificuldades do dia-a-dia da vida no manguezal, a mãe-pescadora se percebe como agente multiplicador de suas vivências, de seus saberes. Essas vivências e saberes transcorridos no meio ambiente natural, pautados pela tradição, povoam o cotidiano de quem vive na pesca.

Esta pesquisa somente se faz possível pelas narrativas das pescadoras que podem dar rumo às reflexões, e que, de acordo com Ferreira (1996: 31-33), funcionam como uma espécie de ponte entre a teoria e a prática, estando mergulhadas em histórias despertadas pela memória. Nessas memórias, cria-se a possibilidade de tornar perenes as vivências todas dessas mulheres, as experiências de trabalho e de vida que se animam dia após dia.



Assim, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. São as mulheres que parem, cuidam, passam a maior parte do tempo com suas crianças, numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados em casa, no manguezal ou na canoa. Desta maneira, as mulheres que aprenderam e continuam ensinando, dão continuidade a jeitos singulares de ser, colaborando com a preservação de uma cultura local. Uma cultura que prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo a partir da realidade produzida pelas pessoas.

A cultura constitui a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio, conforme Laraia (2001). Logo, os conceitos de cultura e meio ambiente serão articulados aos de homem e natureza. Tem-se, então, uma apreensão de como determinados grupos têm a possibilidade de explicar a si próprios, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local. Nessa realidade, se estabelece uma relação entre o ser humano e a natureza tendo suas bases fundamentadas em práticas culturais, nas quais a natureza se apresenta de forma intensa. O ritmo de trabalho é determinado pela cumplicidade do homem com a natureza, assim como a compreensão da pescaria boa, a quantidade de espécies de pescados, tudo isto encarado como um presente da “gentil mãe natureza”.

Vivências, Saberes, Ensinamentos

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla e complexa cadeia de inter-relações ambientais. Aliás, como já afirmara Diegues (1983:199) em seu estudo sobre camponeses e trabalhadores do mar, “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.”. A pescadora se habitua aos ritmos naturais, se integra e aprende com o meio natural, transformando-se num elo-mestre dessa cadeia de aprendizados e ensinamentos. Posto isto, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras.

Conforme Emma Siliprandi (2000:65), as mulheres são as cuidadoras das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades e criam e recriam vidas dentro de um estilo peculiar de ver o mundo, que têm como base elementos relacionados com suas práticas cotidianas. O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem,



onde concretizam o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção. A imagem comunica uma sensação de liberdade no privilegiado lugar onde se dá a aprendizagem do trabalho da pescadora. Nele, natureza e cultura estão colocadas, tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida: as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber se apóiam na realidade natural.

Com os estudos de Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2003), envolvendo o conceito de espaço articulado ao de cultura, que abre um campo fértil para a Geografia Cultural, faz-se uma oportunidade para abordar as relações entre as pescadoras e suas territorialidades, território e identidade: como elas se tornam donas de seu espaço sem, no entanto, se preencherem do senso de propriedade, mas sim de apropriação. Nesta apropriação, elas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinados lugares na medida em que ali constroem suas vidas. E é nessa realidade de produção e reprodução de vidas que se constituem, também, ambientes onde os indivíduos são ativos desses processos naturais. Os aprendizados na pesca, a convivência com familiares, com os vizinhos, o relacionamento íntimo indivíduo *versus* natureza, o trabalho na busca do sustento: todos esses são elementos formadores da cultura produzida pela mulher pescadora.

Assim, pelos estudos realizados até agora, acredito que o acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora precisa focar o espaço como fruto das realidades experimentadas e descobrir a forma como a mulher pensa o seu espaço, já que este é fruto do que se vive. Nas pescadoras, é percebido um sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, talvez por isso seja tão recorrente entre elas privilegiar o equilíbrio dele, pois existe a consciência de que é dali que se tira o sustento. Essa ideia é muito presente na vida dessas pessoas. Parece que estas mulheres trazem mesmo em si o verdadeiro sentido de ecologia, pois preenchem seu viver do que julgam melhor para seus lugares, e conseqüentemente, para todos os componentes deles. Para a abordagem cultural na visão da Geografia, é necessário focar o espaço e suas representações, tanto física quanto memorialmente, agregando o social e o cultural através do espaço vivido.

Conclusão

Vejo como uma tarefa, no mínimo difícil de ser executada, conseguir exprimir em palavras o sentimento que essas mulheres têm pelos seus lugares de vida, tendo em vista que esses lugares



estão repletos de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue e do Caipora, um pequeno índio que protege os animais e a mata e que, também, povoa os contos na Baía do Iguape.

No caso da Vovó do Mangue, a lenda funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida. Assim, as lendas se constituem também em tradições que se manifestam na religiosidade, na música e que se desvendam como fontes de pesquisa singulares.

Partindo disto, creio importante considerar que o imaginário se constitui, de acordo com Mariano Neto (2001), em método que permite às pessoas da Baía do Iguape relacionar a complexidade ecológica e social ao não racional, ao emocional, ao impreciso e a todas as suas contradições. Por outro lado, importa registrar que compreendemos que: “O imaginário, pode ser tido como fonte atuante da ideia e da representação mental da imagem” (MARIANO NETO, 2001), ou seja, informações que se compõem individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos, “mediação essencial entre o mundo interior e exterior, entre o real e o imaginário, supondo-se utilização de símbolos, signos e alegorias” (CASTORIADIS, 1991).

Como afirma Castells (1999), a organização social e os valores culturais são os principais fatores responsáveis pela degradação do ambiente e não simplesmente a tecnologia. Para alguns campos da ciência, como, por exemplo, a ecologia preservacionista, torna-se um desafio aceitar que práticas humanas sejam vistas não só como impactos antrópicos negativos. A maior parte das atividades da sociedade atual provoca impactos negativos de toda ordem; contudo vários estudos apontam que ações humanas, quando planejadas e postas em execução segundo regras de manejo sustentável, podem, sim, trazer contribuições positivas à proteção ambiental. Mostram o quão é inegável o fato de que, geralmente, as populações tradicionais vivem em um sensível grau de harmonia com seus ambientes naturais e por isso são as melhores guardiãs da biodiversidade.

Esse é um argumento que muitos povos tradicionais utilizam para reforçar sua demanda para o reconhecimento de seus direitos sobre a terra. Na verdade, conforme Colchester (apud DIEGUES, 2000), boa parte do apoio que essas sociedades foram capazes de atrair no mundo industrializado é resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação.

Alguns autores refletem em seus trabalhos a estreita ligação entre natureza e cultura. Partindo da cultura como uma espécie de negociação, temos aí uma dupla poderosa no que se refere à visão de mundo dessas pessoas. Referências recorrentes ao trabalho na pesca, que permeiam esta pesquisa, levam-nos a considerar que a arte de sobreviver da maré, encontra-se muito arraigada na



vida de populações como a da Baía do Iguape. Pons (In: SALDANHA, 2005) aborda esse traço ao considerá-lo como condição básica para o relacionamento harmônico entre o homem e a natureza, a imbricação dessa última com a cultura.

A partir do modo como trata aos seus em casa e como os inicia ao ofício da pesca, a mulher do Iguape se torna depositária e transmissora do valor que atribui à profissão. Esse tesouro a autoriza a ser uma potencial peça na possibilidade de reestruturação da desorganização geossistêmica atual, no momento em que envia para o futuro seus valores e crenças. Aqui, entende-se que o desenvolvimento social prediz a ideia de sustentabilidade, pois trata da capacidade que a natureza tem de dar sustento à vida. O sentido de desenvolvimento – que se construiu como uma ideologia que dá sentido ao sistema de relações de poder no mundo – é distante do sentimento de interdependência com a natureza estabelecido por essas pessoas. Há indícios de que as populações tradicionais, por viverem em comunhão com seu meio, vivenciam mais a sensação de bem estar do que populações de países tidos como “primeiro mundo”, onde a lógica seria a “submissão do outro” a título de mostra de soberania, como aborda Díaz Muñoz (1995).

Dessas distintas cosmovisões, faz-se necessário aos estudiosos contribuírem mais para a compreensão da sociedade através das numerosas facetas da cultura. Como exemplo, temos a cultura popular em suas múltiplas manifestações e variações espaciais, buscando o que é banalizado ou o que passa despercebido a olhos menos atentos. Deve-se também encontrar pistas de fatos que quebrem paradigmas e promovam os estudos dos variados modos de vida. É justamente esta a tentativa deste projeto de pesquisa sobre a cultura produzida pelas pescadoras da Baía do Iguape. A mulher pescadora, gradativamente, toma ciência de sua importância na sociedade como mulher, cidadã e produtora responsável pelo seu espaço social, pela sua interação com o ambiente efetivada de modo sustentável e responsável.

Bibliografia

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz. e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

CASTRO, Edna. **Faces do Trópico Úmido**. Florence Pinto. 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M **Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género.** Madrid: Síntesis, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** Ed. Ática, 1983.

FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). **História Oral Usos e Abusos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

SALDANHA, Iaskara R. R. **Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape - SP.** São Paulo, 2005.

SILIPRANDI, Emma. **Contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais.** Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 1, nº 1, jan./mar. 2000. p. 65.